

SOB O SIGNO DA *FLOREAL*: UMA PERSPECTIVA HISTÓRICA DA INICIAÇÃO LITERÁRIA DE LIMA BARRETO

Denilson BOTELHO¹

- RESUMO: Como se inicia carreira literária no alvorecer do século XX? Este artigo procura responder esta questão analisando o processo de iniciação literária de Lima Barreto (1881-1922) sob a perspectiva da história social. Reconstituindo o itinerário de sua inserção na imprensa do Rio de Janeiro da República Velha, traçamos um perfil dos jornais e revistas em que escreveu. O período aqui estudado consiste no início da sua carreira literária, abordando os anos do “anonimato” e sua passagem por pequenos e inexpressivos jornais e revistas, até a publicação do seu primeiro romance. É sobretudo um período marcado pelas suas tentativas de se inserir no meio jornalístico e literário da época. Um episódio serve de eixo para o capítulo: a publicação da *Floreal*. A revista, criada em 1907, representa a concretização do desejo de tornar-se escritor e ao mesmo tempo um veículo da sua militância literária. Afinal, poderia expor livremente suas idéias, abrindo espaço para aqueles que compartilhavam os mesmos ideais políticos e literários, além de construir as redes de sociabilidades indispensáveis a qualquer trajetória intelectual.
- PALAVRAS-CHAVE: História; literatura; Lima Barreto; imprensa; Rio de Janeiro; *Floreal*; editores.

Li a tua *Floreal*. Ela está cheia de ti, da tua forte, original individualidade, do teu talento. É uma formosa revista como são formosos os blocos das cristalizações. Cintila e tem resistência.

O teu artigo inicial, as *Recordações do Isaiás Caminha*, os ‘Pretextos’, dizem-me bem do teu valor, que eu admiro e desejo ver triunfar.

Recebe o meu sincero parabéns pela tua revista. – Carta de Gonzaga Duque a Lima Barreto, em 26 de outubro de 1907 – (BARRETO, 1956b, p. 167-8)

Sábado, 25 de outubro de 1907. Chegara enfim o grande dia. Não, não é que um grande acontecimento histórico fosse ocorrer naquela data. O último sábado daquele outubro foi certamente um dia importante apenas no âmbito da trajetória de uma vida: a do editor e diretor da mais nova revista que chegava às bancas nesta data.

¹ Departamento de História – UCAM-RJ e UniCarioca – 20000-000 – Rio de Janeiro – RJ – ahlb@uol.com.br

Num formato simples e pequeno, 15 x 22 cm, *Floreal* aparecia para disputar com outras revistas a preferência e o gosto dos leitores.

Vale ressaltar que se tratava de uma disputa árdua. Na capa pequena só chamavam a atenção do eventual leitor o nome da revista e do diretor, e o preço. Difícil devia ser fixar os olhos em tão simples publicação em meio a tantas outras revistas e jornais, cujas capas ainda por cima eram ilustradas. Mais tarde, o próprio distribuidor, fazendo um balanço das vendas do primeiro número, diagnosticara: “a capa matou muito; é bom que os senhores ponham uma vista: a alameda do Jardim Botânico, a Itapuca...” (FLOREAL, 1907b), disse Thomaz Labanca aos editores. Mas como ilustrar a capa da *Floreal* com uma bucólica paisagem? Labanca talvez não soubesse que o idealizador da revista ambicionava vendê-la única e exclusivamente pelo que ia impresso em suas páginas, desejava que o seu conteúdo falasse por si mesmo e fosse o suficiente para vender-se. O objetivo não era lançar um caça-níqueis em forma de revista ou muito menos seduzir o leitor através de uma atraente ilustração de capa, mas sim conquistá-lo pelo que ia nas 40 páginas recheadas de textos e mais textos.

Na redação da *Floreal*, instalada na rua Sete de Setembro 89, 1º andar, fizera-se mais do que uma revista nos dias que antecederam a publicação do primeiro número. Era a materialização de um sonho acalentado por um jovem de 26 anos: dirigir a sua própria revista e fazer dela um instrumento de intervenção na sociedade em que vivia. *Floreal* tinha como editor, diretor e mentor intelectual Lima Barreto. Mas um Lima Barreto que ainda não conseguira inscrever seu nome entre os literatos da época e que ainda não tinha um romance sequer publicado. Daí o artigo inicial, uma espécie de editorial da publicação, apontar de imediato a direção a ser seguida pela revista: “É uma revista individualista, em que cada um poderá, pelas suas páginas, com a responsabilidade de sua assinatura, manifestar as suas preferências, comunicar as suas intuições, dizer os seus julgamentos, quaisquer que sejam” (FLOREAL, 1907a).

Na concepção do editor, *Floreal* trazia primordialmente “nomes dispostos a dizer abnegadamente as suas opiniões sobre tudo o que interessar a nossa sociedade, guardando as conveniências de quem quer ser respeitado” (FLOREAL, 1907a). Esse caráter tão afirmadamente autoral deve ser compreendido à luz da trajetória de Lima Barreto até a criação dessa revista. A revista é como um grito de afirmação – ainda que um grito rouco e ouvido por poucos, pouquíssimos na época – de um indivíduo que sonha e deseja pra si um destino literário. Um grito e um desabafo de quem quer escrever e não encontra espaço. Está lá no mesmo editorial da *Floreal* o desabafo a que me refiro. Usando a primeira pessoa do plural, já que em nenhum momento deixa de reconhecer a revista como uma empreitada coletiva, que partilha com nomes como Antonio Noronha Santos – amigo de toda uma vida –, Domingos Ribeiro Filho e Mário Tibúrcio Gomes Carneiro, declara:

Há entre nós uma razão de completo contato: é a nossa incapacidade de tentar os meios de publicidade habituais e o nosso dever de nos publicar.

Este caminho se nos impunha, pois nenhum de nós teve a rara felicidade de nascer de pai livreiro, e pouca gente sabe que, não sendo assim, só há um meio de se chegar ao editor – é o jornal. (FLOREAL, 1907a)

O desejo de ser publicado já pode ser notado a partir de 1902, quando Lima Barreto é convidado por Bastos Tigre a iniciar colaboração num jornal estudantil chamado *A Lanterna*. Nessa época já malograra o sonho do pai de Lima Barreto de vê-lo formado pela Escola Politécnica. Sucessivas reprovações, particularmente em Mecânica, encerraram de vez sua vida estudantil, mas a participação n’*A Lanterna* já sinalizava qual rumo seria tomado. Afinal, nesse mesmo ano, Lima Barreto editaria junto com Bastos Tigre *A quinzena alegre*, periódico de efêmera duração. Infelizmente não conhecemos o teor dessas publicações, pois não temos notícia de onde podem ser encontradas. Graças a Francisco de Assis Barbosa, biógrafo de Lima Barreto, sabemos que existiram, mas “não existe hoje sequer um exemplar” de *A quinzena alegre* (BARBOSA, 1988, p. 110).

A Lanterna era um jornalzinho de estudantes, fundado e dirigido por Julio Pompeu de Castro e Albuquerque, aluno da Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais, que atuava como proprietário, redator, colaborador, distribuidor, cobrador, escriturário e caixa do jornal. Intitulava-se um “órgão oficioso da mocidade de nossas escolas superiores” e mantinha uma seção para cada faculdade. Bastos Tigre redigia a seção da Escola Politécnica e, segundo depoimento de Julio Pompeu a Francisco de Assis Barbosa, um certo dia deixou de enviar sua colaboração:

Pompeu reclamou:

– Que isso, ó Tigre! O número está a sair. Quando mandas o artigo?

Os dois se encontravam na Rua do Ouvidor, junto ao Café do Rio, a que o carioca chamava Cafedório. Tigre amaciou a bigodeira, pensou um pouco e disse ao colega:

– Sabes, Pompeu. Não vou escrever mais a seção. Quem vai fazê-la daqui por diante é o Lima Barreto.

– Mas quem é esse Lima Barreto? – perguntou, agoniado, o diretor-proprietário-distribuidor e caixa.

– Um rapaz muito inteligente. Você vai gostar dele. Bem, até logo. Estou com muita pressa. Tenho certeza de que você gostará do Barreto.

[...] Dias depois, aparece na redação [...].

– Sou eu o Lima Barreto, colega do Tigre. Aqui tem a seção da Politécnica.

[...] Tomou o diretor d’*A Lanterna* as duas tiras de almoço e começou a ler o trabalho do novo colaborador. Era um comentário sobre a recepção dada pela

Politécnica aos marinheiros chilenos. Bem feito! Com piadas em cima dos professores [...]. Dos estudantes, nem o próprio Tigre escapava ... Ótimo!”

O rapaz assinava-se Alfa Z. – Coisas de aluno da Politécnica! – disse consigo mesmo o nosso Pompeu, molhando a pena no tinteiro e marcando a matéria – 2 colunas, corpo 8 – para remetê-la, logo em seguida à tipografia. (BARBOSA, 1988, p. 77-81)

A participação n’*A Lanterna* é o primeiro passo para que Lima Barreto comece a aumentar o seu círculo de relações. A seção da Politécnica vai torná-lo conhecido nos meios acadêmicos. Pouco depois ele troca de pseudônimo, passando a assinar como Momento de Inércia e “traça o perfil de colegas e lentes com azedume. A pena é ferina. O sarcasmo já brilha nas suas crônicas” (BARBOSA, 1988, p. 79). Os pseudônimos, contudo, não impedem que os colegas comecem a desconfiar de que é ele o autor das pilhérias veiculadas contra os professores. Certamente suas atividades de cronista já não eram ignoradas, como mostra um epitáfio publicado por Nemo na própria *A Lanterna*:

Com o seu chapeuzinho ao lado
(Não sei bem se é verde ou preto)
Aqui jaz o decantado
Cronista Lima Barreto...

Ninguém, ninguém escapava
À sua crítica mordaz...
Agora que não tem lingua
O Barreto nada faz... (BARBOSA, 1988, p. 81)

O epitáfio escrito por Nemo foi publicado na edição de 30 de dezembro de 1902, quando Lima Barreto ainda participava do jornal. Na verdade, era uma pilhéria, pois ao invés de uma inscrição tumular ou um elogio fúnebre, nesse caso o epitáfio funcionou como uma espécie de poesia satírica feita sobre um vivo, como se se tratasse de um morto. Estando o homenageado com a quadrinha poética perfeitamente vivo, Nemo brinca com a realidade e publica um epitáfio dedicado ao escritor como se este houvesse falecido, reafirmando uma das características dos seus textos n’*A Lanterna*: a crítica mordaz, da qual ninguém escapava.

Nessa época Lima Barreto escreve também no *Tagarela - Semanário Crítico, Humorístico, Ilustrado e de propaganda comercial* e *O Diabo*, logo no ano seguinte, em 1903. Do *Tagarela* sabe-se que foi um jornal humorístico no qual desenhavam Raul, Calixto Cordeiro, Falstaff e outros, tendo Lima Barreto colaborado sob o pseudônimo de Rui de Pina. Dirigida por Peres Júnior, esta folha de humor, de 8 páginas em média, foi lançada no ano anterior, em 1º de março de 1902. Seu carro-

chefe era mesmo os desenhos e ilustrações, e seu programa, anunciado no primeiro número pode ser resumido na seguinte frase do “editorial”: “- Programa ... para que programa? - O Riso é o raciocínio” (TAGARELA, 1902, p.2).

N’*O Diabo* novamente Lima Barreto estará ao lado de Bastos Tigre. O semanário intitulava-se uma “revista infernal de troça e filosofia”, no qual também escreve o mesmo Rui de Pina do *Tagarela*. Tal qual a *Floreal* de anos mais tarde, *O Diabo*, lançado em 12 de agosto de 1903, não ultrapassa o quarto número (BARBOSA, 1988, p. 112).

Nesse preâmbulo de carreira jornalística e literária, deve-se ainda registrar a sua passagem pela *Revista da Época*, lançada em julho de 1903 e dirigida por Carlos Viana, em que Lima Barreto exerceu as funções de secretário por alguns meses. Contudo, no único exemplar (de 1º de agosto de 1903) que localizamos, não aparece texto algum assinado pelo escritor. Mas há uma coluna de assuntos variados, que trata de temas como a morte do Papa e uma erupção do Vesúvio, assinada por Philéas Fogg (REVISTA DA ÉPOCA, 1903, p. 7). Deduzimos que o colunista seja Lima Barreto, porque mais tarde, em 1907, este pseudônimo também será usado pelo escritor na *Fon-Fon*.

De qualquer modo, pelo que certa vez Noronha Santos afirmou, a *Revista da Época* não era mesmo um periódico com o qual Lima Barreto pudesse se identificar e se realizar profissionalmente. Segundo Santos (1956, p. 11), não passava de uma revista de “cavação”: “revista limpa, pois Lima Barreto não trabalharia em outras”, mas que só vivia de elogiar, graças a Carlos Viana, que “era ao mesmo tempo diretor, chefe de publicidade, agente de anúncios e paginador”.

No que foi possível consultar dos cinco periódicos acima citados – *A Lanterna*, *A Quinzena Alegre*, *Tagarela*, *O Diabo* e *Revista da Época* – Lima Barreto assina sempre com pseudônimo, seja Rui de Pina, seja Philéas Fogg. As razões que o levaram a isso não são muito claras. O uso de pseudônimos lhe teria sido imposto? Ou seria uma decisão pessoal? Trata-se de perguntas relevantes, para as quais não se tem resposta - com exceção do caso d’*A Lanterna*, no qual o uso dos pseudônimos Alfa Z e Momento de Inércia serve para o escritor exercer sua crítica mordaz aos professores, livre de possíveis retaliações. Na verdade, é importante considerar que era prática comum naquela época o uso de pseudônimos, até mesmo por escritores já consagrados. As razões dessa prática eram variadas. Verifica-se que alguns autores inclusive transformavam pseudônimos em personagens que emitiam opiniões que muitas vezes não compartilhavam. Este artifício muitas vezes era usado pelo escritor como uma estratégia narrativa – conforme exemplifica Machado de Assis com seu pseudônimo Policarpo, usado nas crônicas da *Gazeta de Notícias* (PEREIRA, 1994, p. 115-6).

No caso de Lima Barreto, nota-se que, em geral, há uma tendência a abandonar os pseudônimos com o passar dos anos. Eles foram mais frequentes até cerca de

1909, quando é publicado o seu primeiro romance, *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*. Daí em diante, verifica-se que poucas vezes voltaria a usá-los. Não que o livro lhe tenha aberto todas as portas, até porque o seu romance de estréia trazia como cenário principal justamente o ambiente encontrado atrás das portas das redações dos jornais da época. E do enredo não se pode dizer que fosse edulcorado. Pelo contrário, houve até quem tornasse Lima Barreto um nome proibido dali por diante. Mas não se pode negar que *Isaías Caminha* era o seu passaporte para ingressar no inquietante universo das letras da Primeira República. Goste-se ou não, o homem tinha lá o seu livro publicado – e outros viriam – e passava a ser visto como escritor. Antes de 1909, isso era mais difícil.

Essa tendência a deixar os pseudônimos de lado também pode ser notada na revista *Floreal*. Lima Barreto defenderia enfaticamente no programa da sua revista (FLOREAL, 1907a, p. 3-7) que ali era indispensável que os autores se identificassem abertamente perante os leitores. Assim sendo, pode-se supor que, embora o escritor usasse pseudônimos, era um crítico desta prática.

Já no caso do *Correio da Manhã* – um jornal bastante expressivo na época, de tiragem significativa e dirigido pelo polêmico Edmundo Bittencourt –, Lima Barreto escreveu e publicou uma série de reportagens no formato de folhetim, entre 28 de abril e 3 de junho de 1905, sobre as escavações que a Prefeitura do Rio de Janeiro realizava no Morro do Castelo. O folhetim contudo não apareceu assinado, pois o *Correio* não identificara o seu autor. Coube, mais uma vez, a Francisco de Assis Barbosa registrar a sua existência na biografia já citada. Recentemente, este texto, publicado unicamente no jornal, foi transformado em livro (BARRETO, 1997). Segundo Beatriz Resende, uma especialista na obra do escritor, não resta qualquer dúvida sobre a autoria daquela série de reportagens. “O que legitima a autoria, no entanto, é a inclusão no interior da reportagem da história de D. Graça, narrativa quase seguramente escrita antes de sua contribuição à imprensa, cujos manuscritos estão guardados na Biblioteca Nacional” (RESENDE, 1997, p. ii)². Além disso, crê Resende (1997, p. ii) que já nesse texto está presente de modo marcante o “estilo característico do jornalista” e a “presença de suas **obsessões**, como a defesa do patrimônio público, a implicância e a descrença nos políticos”. O motivo pelo qual Lima Barreto, aos 24 anos de idade, não assinou seus textos publicados no *Correio da Manhã* não foi revelado.

O episódio do *Correio da Manhã* reforça a tese de que os anos da primeira década deste século foram para Lima Barreto um tempo de quase anonimato. Um tempo marcado pela busca de uma oportunidade de se tornar jornalista e escritor, pela busca de um espaço no meio literário, jornalístico e intelectual do início do

século. Analisando o diário íntimo do escritor nesses anos a que nos referimos, Beatriz Resende (1997, p. ii-iii) reforça a idéia de que Lima Barreto vivia uma situação típica de quem vê as portas do mundo letrado da época fechadas: “Quando ainda não encontrara oportunidade de ser publicado ou de financiar ele mesmo os seus romances, Lima Barreto usava seu diário ‘íntimo’ como espaço de criação”. E sobre um trecho específico do diário, observa:

Em 1º de janeiro de 1905, o cronista já aparece, com um belíssimo texto sobre o Rio de Janeiro, lastimavelmente ainda distante do público leitor. [...] Como se vê, ignorado pelo público ou editores, o escritor já estava pronto. A escrita que rompia com os padrões parnasianos vigentes era acompanhada por uma intenção de dar às suas páginas uma preocupação social e política que incluirá o desejo de ser voz dos segregados, como eram os negros como ele. (1997, p. ii-iii).

De fato, apesar de “distante” dos leitores, o escritor já estava pronto e em tudo que escrevia já apareciam suas idéias políticas e sociais, que Resende prefere chamar de “obsessões”. Não é à toa que já em 1904 estava pronta a primeira versão de *Clara dos Anjos*. No ano seguinte provavelmente teve início a redação de *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*, que seria seu romance de estréia, ao ser publicado em dezembro de 1909. E em 1906, também começa a escrever *Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá*, concluído em 1907 e cuja publicação em livro ocorreria somente em 1919. Ou seja, nessa fase inicial da carreira literária, já estavam escritos três dos seus romances que viriam a ser mais conhecidos. Enquanto as páginas da imprensa não se encontravam abertas para o escritor, sua verve literária era exercida intensamente.

O ano de 1907 será marcante em sua vida, pois 1907 é o ano da *Floreal*. Mas antes de criar sua própria revista, Lima Barreto viveu uma experiência que talvez tenha sido decisiva no sentido de levá-lo a lançar o seu próprio periódico. Trata-se de sua passagem pela *Fon-Fon*. Lançada em 13 de abril, passaria a disputar as preferências do público do início do século com a *Revista da Semana*, a *Kosmos*, *O Malho* e a *Careta* (SODRÉ, 1966, p. 344). Intitulando-se um “semanário alegre, político, crítico e esufizante”, a revista pretendia ser assumidamente humorística e para levar a cabo essa tarefa, Mário Pederneiras, um de seus fundadores, chamara Lima Barreto para assumir a função de secretário da redação. Contudo, apesar do cargo que lhe fora destinado, o escritor não encontrava o espaço que desejava para expor suas idéias. Durante o primeiro ano de circulação do *Fon-Fon*, não teria mais do que três crônicas publicadas, fazendo uso dos pseudônimos Philéas Fogg (“Falsificações”, em 20 de abril de 1907, e “Um novo sport”, em 13 de julho de 1907) e S. Holmes (“O fio de linha”, em 11 de maio de 1907). Decepcionado, já após três meses, escreve carta a Pederneiras (que não se sabe se foi ou não enviada) comunicando o seu afastamento, que no entanto só ocorreria meses depois.

² Quanto aos manuscritos contendo a história de D. Graça, ver na Seção de Manuscritos da Biblioteca Nacional, o Arquivo Lima Barreto, Item 917 do Catálogo publicado nos *Anais da Biblioteca Nacional*, v. 105, 1985.

Generoso Mário,

[...] Graves coisas eu te queria comunicar; entre elas [...] era, nada mais, nada menos, levar ao teu conhecimento que não colaboro mais no *Fon-Fon*.

Vejo que as coisas minhas não agradam, ficam à espera enquanto as de vocês nem sequer são lidas, vão logo para a composição [...].

Atribuo à antipatia dos donos da revista o desfavor em que estou, e toda a gente sabe o que é a antipatia no julgamento de um escritor ...

Induzi também que é a tua bondade que me mantém lá – o que agradeço de coração – mas que o meu orgulho não aceita.

[...] Hás de me perdoar; Mário, sempre foi do meu gênio a franqueza, a retidão de proceder e uma dose de orgulho pela minha própria pessoa. (BARRETO, 1956b, p. 162-3)

Deduz-se que Lima Barreto continuou no *Fon-Fon* até o final de 1907, porque no inventário da Limana (BARRETO, 1956b, p. 133 e 290) constava que 3 volumes encadernados - nº 322, 323 e 324 - reuniam a sua colaboração ao longo de todo o ano de 1907. A decepção com o *Fon-Fon* parece ter-lhe dado a certeza de que chegara a hora de ousar ter a própria revista, na qual não haveria pseudônimos e poderia enfim assumir com a sua assinatura tudo o que desejasse publicar. A propósito, Francisco de Assis Barbosa (1988, p. 132) faria o seguinte comentário: “A sua rápida passagem pela redação do *Fon-Fon*, logo que esse semanário apareceu, sob a direção de Mário Pederneiras, acabou por convencê-lo da inutilidade do seu esforço de procurar o caminho da imprensa burguesa, para a sua iniciação na carreira de escritor”. Recorrendo ao *Diário Íntimo*, encontramos em sua primeira anotação de 1908, um balanço do ano recém terminado que diz o seguinte:

5 de janeiro.

O ano que passou foi bom para mim. Em geral, os anos em 7 fazem grandes avanços aos meus desejos. Nasci em 1881; em 1887, meti-me no alfabeto; em 1897, matriculei-me na Escola Politécnica. Neste andei um pouco, no caminho dos meus sonhos. Escrevi quase todo o *Gonzaga de Sá*, entrei para o *Fon-Fon*, com sucesso, fiz a *Floreal* e tive elogio do José Veríssimo, nas colunas de um dos *Jornais do Comércio* do mês passado. Já começo a ser notado. Pelas vésperas do Natal, fui ao Veríssimo, eu e o Manuel Ribeiro. Recebeu-nos afetuosamente. Ribeiro falou muito, doidamente, difusamente; eu estive calado, ouvi, dei uma opinião aqui e ali. Deu-me conselhos, leu-me Flaubert e Renan, aconselhando aos jovens escritores. Falou da nossa literatura sem sinceridade, cerebral e artificial. Sempre achei a condição para obra superior a mais cega e mais absoluta sinceridade. O jato interior que a determina é irresistível e o poder de comunicação que transmite à palavra morta é de vivificar. (BARRETO, 1956c, p. 125)

O ano de 1907 foi bom para Lima Barreto principalmente porque ele começa a ser notado. E a *Floreal* deu uma enorme contribuição para que ele começasse a ser notado. A revista foi também uma parte importante desse “caminho dos sonhos”, desse avanço na realização dos seus desejos. Embora tenha tido uma baixa vendagem, seu surgimento foi percebido por ninguém menos que José Veríssimo, um dos críticos literários de maior visibilidade no início do século. Uma grande satisfação de Lima Barreto foi ver seu nome e sua revista comentados nas páginas do *Jornal do Comércio*, periódico de expressiva circulação na época. E um comentário elogioso:

Ai de mim, se fosse a ‘revistar’ aqui quanta revistinha por aí aparece com presunção de literária, artística e científica.

Não teria mãos a medir e descontentaria a quase todos; pois a máxima parte delas me parecem sem o menor valor, por qualquer lado que as encaremos. Abro uma justa exceção, que não desejo fique como precedente, para uma magra brochurazinha que com o nome esperançoso de *Floreal* veio ultimamente a público, e onde li um artigo ‘Spencerismo e Anarquia’, do Senhor M. Ribeiro de Almeida, e o começo de uma novela *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*, pelo Senhor Lima Barreto, nos quais creio descobrir alguma coisa. E escritos com uma simplicidade e sobriedade, e já tal qual sentimento de estilo que corroboram essa impressão. (VERÍSSIMO, 1907)

Vejamos mais detalhadamente o que foi essa “brochurazinha” que tanto chamou a atenção de José Veríssimo, dando a Lima Barreto a sensação de finalmente estar sendo descoberto. A *Floreal* que estréia em 25 de outubro de 1907 é aparentemente o resultado de um esforço associativo capitaneado pelo seu diretor. A redação, por exemplo, foi instalada numa saleta no centro da cidade, atrás da oficina do alfaiate de Mário Tibúrcio Gomes Carneiro, um dos integrantes do grupo da *Floreal*. Coube a Carneiro convencer o alfaiate Pedrosa a alugar a tal sala. E mesmo assim, a revista só veio ao mundo porque cada “sócio” dessa empreitada viabilizara sua existência dispondo-se a contribuir com uma cota de dez a vinte mil réis mensais³.

No primeiro número, o artigo inicial do diretor explica que a revista dividir-se-á em duas partes, apresentando o que habitualmente uma revista apresenta, mas também trazendo algo que remeta ao estilo noticioso dos jornais diários. Esse formato da revista deve-se fundamentalmente às reflexões de Lima Barreto a respeito da imprensa da época, que ele julga invariavelmente sensacionalista e disposta, acima de tudo, a obter sucesso comercial e altas tiragens – custe o que custar.

Pouca gente sabe também que o nosso jornal atual é a coisa mais ininteligente que se possa imaginar. É alguma coisa como um cinematógrafo, menos que

³ O caráter associativo da *Floreal* e o pagamento mensal de dez mil réis podem ser verificados na correspondência trocada entre Lima Barreto e Mário Tibúrcio Gomes Carneiro (BARRETO, 1956b, p. 121-7 e p. 134).

isso, qualquer coisa semelhante a uma *féerie*, a uma espécie de mágica, com encantamentos, alçapões e fogos de bengala, destinada a alcançar, a tocar, a comover o maior número possível de pessoas, donde tudo que for insuficiente para esse fim deve ser varrido completamente.

Cada um de nós está certo que seria perfeitamente incapaz de levar emoções aos habitantes respeitáveis de Paracutú ou de atrair leitores da rua Presidente Barroso ou Marquês de Abrantes; mas estamos certos também que essa média entre a sensibilidade obstruída de afastados compatriotas, o semi-analfabetismo de uns e a futilidade de outros, atualmente representada pelo jornal diário, não tem direito a distribuir celebridade e a estabelecer uma escala de méritos intelectuais.

E de tal forma sentimos que o público (tão habituado anda ele aos processos jornalísticos!) nos era inacessível se não lhe déssemos aqui alguma coisa do jornal, que fomos buscar numa revista estrangeira um modelo que participasse das duas coisas. Assim é que, nesta, uma parte será toda consagrada à matéria habitual das revistas e a outra, dividida em seções, será como que um jornal de quinze em quinze dias, onde serão examinados, tratados, explanados, segundo as nossas forças e aptidões, os acontecimentos de toda a ordem que se houverem passado no nosso meio (FLOREAL, 1907a, p. 3-7).

O caminho a ser trilhado pela *Floreal* será o de um efetivo distanciamento desses periódicos tão comuns no início do século, que buscavam ganhar a atenção do leitor com o brilho falso das emoções fáceis. E se esse tipo de jornal podia “distribuir celebridades”, baseando-se numa “escala de méritos intelectuais” – ainda que injusta –, por que a revista não poderia lutar para inscrever os nomes de seus colaboradores no rol das “celebridades” intelectuais da época? Apesar da proposta por excelência marginal, a *Floreal* vinha a público com a missão a mostrar o valor dos que escreviam em suas páginas.

Voltando ao conteúdo propriamente dito do número de estréia, vejamos o que vai pelas suas 40 páginas. A presença de Lima Barreto nesse primeiro número é avassaladora, visto que ocupa pelo menos 17 páginas com seus textos em ambas as partes da revista. Na primeira parte, temos o artigo inicial de Lima Barreto, um artigo de Antonio Noronha Santos, uma parte de um conto de Domingos Ribeiro Filho, um poema de Mario Pinto de Souza e o primeiro capítulo de *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*, que o autor tencionava publicar em formato de folhetim nesta revista. A segunda parte da revista, que seria uma espécie de jornal quinzenal, é dividida entre Lima Barreto e Antonio Noronha Santos. Esse é basicamente o conteúdo do número inicial da *Floreal*.

É Antonio Noronha Santos que aparece nas páginas seguintes ao editorial ou “Artigo inicial” do diretor. Foi talvez o amigo mais constante de Lima Barreto ao

longo de toda a sua vida⁴. Conhecera-se no tempo em que eram estudantes e desde então ficaram amigos. A assídua correspondência que ambos trocaram dá inegável testemunho do estreito relacionamento que sempre mantiveram. Dos oito aos onze anos viveu em Paris, para onde fora acompanhando o pai médico, e mais tarde tornou-se bacharel em Direito e jornalista. A experiência de viver na França, ainda que quando criança, fez com que mais tarde se mantivesse sempre em dia com o que se publicava naquele país. Nesse aspecto, talvez tenha exercido alguma influência sobre as leituras de Lima Barreto. Além da *Floreal*, publicaram juntos um panfleto por ocasião da campanha civilista, em 1909, chamado *O Papão – Semanário dos bastidores da política, das artes e das... candidaturas*⁵, que circulou apenas uma vez. O panfleto foi a contribuição de ambos na campanha contra a candidatura de Hermes da Fonseca, marcando a trajetória de engajamento político que Lima Barreto adotaria de maneira cada vez mais explícita.

Noronha Santos trabalhou também na *Gazeta de Notícias*, na fase em que lá estava Antonio Torres, e ao transferir-se para Niterói, em 1919, foi secretário de *O Estado*, onde também contou com a colaboração de Lima Barreto. Seu artigo de estréia na *Floreal*, intitulado “Diálogo” (FLOREAL, 1907a, p. 7-11), é uma conversa fictícia entre dois personagens que criticam tanto a prática do uxoricídio – crime em que a mulher é assassinada pelo marido ou companheiro –, quanto a crescente emancipação da mulher na sociedade daquela época. Curiosamente, Lima Barreto faria coro com o amigo em outros artigos publicados posteriormente, fosse no que diz respeito à veemente condenação do uxoricídio tão freqüente naquele início do século, fosse na reprovação das mulheres que ousavam ingressar no serviço público ou pleiteavam o direito de votar (BOTELHO, 2002; VASCONCELLOS, 1999).

Ainda no primeiro número de *Floreal*, surge o conto “Dia de amor”, de Domingos Ribeiro Filho (FLOREAL, 1907a, p. 12-20). Na verdade, trata-se do terceiro capítulo de um conto, cujos dois primeiros capítulos haviam sido publicados nas edições dominicais do *Correio da Manhã*. O jornal de Edmundo Bittencourt decidira não dar prosseguimento à publicação do conto, por tê-lo julgado imoral. O capítulo narra o ardente encontro sexual entre dois personagens adúlteros, Pedro e Vera, descrevendo um dia em que passam juntos, praticamente o tempo todo nus, num intenso relacionamento amoroso e sexual. Esta pequena peça ficcional contribui para revelar um pouco mais o perfil da revista. O mesmo texto que escandalizara o *Correio da Manhã* ganha espaço nas páginas de estréia da *Floreal*. Por trás da ousadia, percebe-se a crítica contumaz à moral burguesa da época, através da descrição de um picante encontro sexual entre adúlteros. Adultério que, diga-se de passagem, era freqüentemente

⁴ O que consta nestas linhas sobre Antonio Noronha Santos baseia-se na extensa correspondência trocada com Lima Barreto (ver BARRETO, 1956b, p. 59-119).

⁵ O panfleto *O Papão* também não foi localizado para consulta.

invocado como motivação para diversos crimes, como o uxoricídio. O homem que assassinava a própria esposa por suspeitar que estava sendo traído, embora fosse imputado como assassino, gozava de certa benevolência e compreensão por parte de uma sociedade que via num episódio deste tipo nada mais do que um homem lavando sua própria honra com o sangue da mulher adúltera⁶.

Cabe lembrar que a questão do adultério e da violência contra a mulher que freqüentemente resultava no uxoricídio, é um tema caro a Lima Barreto e recorrente em seus artigos e crônicas. Em artigo para o *Correio da Noite*, em 1915, observaria: “Nós já tínhamos os maridos que matavam as esposas adúlteras; agora temos os noivos que matam as ex-noivas”. E nesse texto faz uma reflexão que apresentamos resumidamente a seguir:

Todos esses senhores parece que não sabem o que é a vontade dos outros.

Eles se julgam com o direito de impor o seu amor ou o seu desejo a quem não os quer. Não sei se se julgam muito diferentes dos ladrões à mão armada; mas o certo é que estes não nos arrebatam senão o dinheiro, enquanto esses tais noivos assassinos querem tudo que é de mais sagrado em outro ente, de pistola na mão.

O ladrão ainda nos deixa com vida, se lhe passamos o dinheiro; os tais passionais porém, nem estabelecem a alternativa: a bolsa ou a vida. Eles, não; matam logo.

[...] Esse obsoleto domínio à valentona, do homem sobre a mulher, é coisa tão horrorosa, que enche de indignação.

[...] Todos os experimentadores e observadores dos fatos morais têm mostrado a inaniidade de generalizar a eternidade do amor. Pode existir, existe, mas, excepcionalmente; e exige-la nas leis ou no cano de revólver, é um absurdo tão grande como querer impedir que o sol varie a hora do seu nascimento.

Deixem as mulheres amar à vontade.

Não as matem, pelo amor de Deus! (BARRETO, 1915).

Contudo, o próprio Lima Barreto demonstra ter cedido à mesma moral burguesa que tanto criticava. Ocorre que ao participar de um júri, o escritor votou pela absolvição de um indivíduo que matara a própria mulher⁷. Anos depois, revelaria num artigo publicado na *Lanterna* o seu profundo arrependimento:

Eu julguei um uxoricida. Entrei no júri com reiterados pedidos de sua própria mãe, que me foi procurar por toda a parte. A minha firme opinião era de condenar

o tal matador conjugal. Entretanto a mãe ... Durante a acusação, fiquei determinado a mandá-lo para o xilindró ... Entretanto a mãe ... A defesa do doutor Evaristo de Moraes não me abalou ... Entretanto a mãe ... Indo para a sala secreta [...] afinal cedi ... A mãe ... Absolvi o imbecil marido que lavou a sua honra, matando uma pobre mulher que tinha todo o direito de não amá-lo, se o amou, algum dia, e amar um outro qualquer ... Eu me arrependo profundamente (BARRETO, 1918).

É curioso que o escritor tenha atribuído à mãe do réu o poder de dissuadi-lo da condenação. De qualquer modo, interessa ressaltar aqui a afinidade do diretor da *Floreal* com a temática abordada por Domingos Ribeiro Filho no lançamento da revista. Quando publica, anos depois, o seu “manifesto maximalista”, Lima Barreto (1956a) defende o estabelecimento do divórcio como um dos pilares da sua proposta de transformação da sociedade capitalista. Pois Domingos Ribeiro Filho foi durante toda a sua vida um anarquista convicto, partidário das idéias de Kropotkin, cuja doutrina divulgava em artigos de jornal e palestras de café. Consta que ao escrever o romance *O Cravo vermelho*, publicado também em 1907, no mesmo estilo do conto publicado em *Floreal*, Ribeiro Filho propunha-se a fazer um estudo da moral burguesa do início do século (BARRETO, 1956b).

Afinidades políticas à parte, nem tudo eram flores na convivência entre esses dois escritores, que freqüentaram também por longo tempo as páginas da *Careta*. Por um lado, *O Cravo vermelho* recebeu crítica de Lima Barreto no terceiro número da *Floreal*, apontando “qualidades e defeitos” no romance. Por outro lado, em 1938, Ribeiro Filho reavalia a trajetória do companheiro já falecido, contestando os que pretendiam fazer de Lima Barreto um gênio após a sua morte:

Lima Barreto não foi um revolucionário, não foi um acomodado, não foi um cabotino; tinha os pés, as mãos e a cabeça amarrados ao liame de um terrível complexo. Tinha – coisa interessante – caráter e coração: um e outro, podendo impeli-lo para um melhor destino, serviram para ponderar e equilibrar as suas ambições. É que ele via, arrepiado, a ascensão de uns tantos escritores, por uma escada de frases feitas, versos frouxos e conceitos de tonelada e meia, até a consagração acadêmica. Entretanto – terrível complexo – a revolta de Lima Barreto nunca passou da ironia. E a felicidade notável dos impostores letrados e de seus patrões e patronos consistiu precisamente em não ter contra eles um revolucionário dispoendo do talento, da cultura e do caráter do autor de Isaías Caminha. (VISÃO BRASILEIRA, 1938)

Como se vê, o anarquista kropotkiniano frustrou-se com o Lima Barreto ao lado do qual formara na *Floreal*. Pelo menos no balanço pós-morte que faz da trajetória do diretor da revista, revela que esperava vê-lo tornar-se um revolucionário. Contudo, considera que seu talento, cultura e caráter, não foram maiores do que seu complexo, impedindo-o de cumprir seu destino incômodo aos “impostores letrados”.

⁶ A questão da violência contra a mulher e a análise dessa moral burguesa vigente no início do século recebeu abordagem detalhada por parte de Soihet, (1989). Ver também Correa, (1983) e Vasconcellos, (1999).

⁷ Não há indicações sobre quando se deu exatamente sua participação neste júri.

Nem que seja por mera curiosidade, vale registrar ainda um comentário nada lisonjeiro que Lima Barreto (1956c, p. 90) escreveu nas páginas do seu *Diário* a respeito de Domingos Ribeiro Filho:

escreveu um romance rebarbativo e idiota, para fazer constar que é um voluptuoso, um lascivo, e põe-se nas ruas a fazer os mais baixos comentários sobre as mulheres que passam: ‘Que peixão! Que bunda! Oh! A carne!’ Isso! Aquilo! É um imbecil.

Não sabemos ao certo a que romance se refere, mas pode ter sido *O cravo vermelho* lido em primeira mão, já que esses comentários datam de 24 de janeiro de 1905. Mas nem por isso o “lascivo” escritor deixou de participar da *Floreal*.

É possível que a publicação simultânea de *Recordações do escrivão Isaías Caminha* e *O cravo vermelho* na *Floreal* representassem parte de um esforço comum para atingir o rival *Correio da Manhã*. Enquanto o primeiro romance ridicularizava a redação de um jornal que se supunha ser o diário dirigido por Edmundo Bittencourt, o segundo migrava das páginas em que fora vetada sua publicação para vir a público através de uma nova revista que buscava se estabelecer entre os periódicos da época basicamente pelo seu conteúdo. Ainda que com poucos recursos e uma pífia vendagem, *Floreal* parecia eleger o *Correio da Manhã* como um de seus alvos prediletos. Criticava não só o modo como ali se fazia o jornalismo como também a censura moralizadora do diretor do jornal.

Vale a pena observar ainda que foi através de Domingos Ribeiro Filho que Astrojildo Pereira conheceu Lima Barreto. Não era somente nos jornais e revistas que se construía a rede de sociabilidades na qual se incluía Lima Barreto, mas também nos cafés, como o Jeremias e o Papagaio. Neste último café, reuniam-se a um canto os integrantes da confraria chamada de Esplendor dos Amanuenses, da qual faziam parte os escritores acima e outros companheiros de trabalho e de boemia. Sobre Domingos, conta Astrojildo Pereira (1945): “por seu intermédio é que vim a conhecer pessoalmente Lima Barreto, que acabava de publicar, com esplêndido êxito literário, as *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*. Eram ambos funcionários da mesma repartição”. Aliás, além de terem atuado juntos como amanuense da Secretaria da Guerra, compartilharam não só as páginas da *Floreal*, mas também d’*A Estação Teatral* e da *Careta*, na qual Domingos assinava várias seções com o próprio nome e com o pseudônimo Dierre Effe (PEREIRA, 1945). Astrojildo Pereira tece considerações a respeito de Domingos que bem poderiam se aplicar a Lima Barreto:

Domingos Ribeiro Filho era o tipo de escritor não conformista, rebelde por natureza, extremamente cioso da sua dignidade e independência como tal. Daí, muito naturalmente, a posição de combatente solitário, de guerrilheiro das letras, implacável no combate a todas as formas e manifestações de farisaísmo intelectual ou de torpeza política. (PEREIRA, 1945)

A julgar pela avaliação de Astrojildo, *Floreal* reunia em suas páginas colaboradores que, por vezes, mantinham afinidades no campo intelectual e político.

Na segunda parte da revista, que pretende dar conta do noticiário mais corriqueiro, a chamada “Revista da Quinzena”, vale observar os comentários do diretor sobre uma sociedade artística que acabava de ser fundada por Coelho Neto⁸, chamada Caravana, que “organiza um concurso de bandas de música cujo fim é extirpar da sensibilidade popular do soldado o gosto pelo tango e pelo maxixe”. A propósito do referido concurso, Lima Barreto critica um certo tipo de atitude que ele julga recorrente entre os nossos literatos: a de fundar clubes e sociedades que se propõem a disseminar o gosto artístico e “levantar a cultura artística da população brasileira”:

Singular maneira de melhorar o gosto público e de levantar a cultura de massa!

[...] Não acredito também que os nossos literatos amem o povo, interessem-se pela sua sorte, achem nele poesia, matéria para suas obras.

Pelo menos, não se encontram vestígios disso nos seus volumes. [...] Entretanto, as nossas letras, quando se voltam para a cidade, não encontram material para a sua obra senão na roda do Lyrico, nos bondes de Botafogo, nas barcas de Petrópolis e nos passeios da Tijuca. É singular! [...]

Referindo-se aos indivíduos que não fazem parte da gente que eles adoram e exageram num romantismo curioso, os nossos literatos, só lhes vendo defeitos superficiais, degradam, amesquinham-nos, sem absolutamente descobrir neles as grandezas que têm, as qualidades que possuem; entretanto – como são as cousas? – para as árvores do Sumaré, para a praia de Copacabana, que, positivamente, não são homens de carne e osso, quanta ternura, quanta palavra bonita!

Eu julgava que os literatos e jornalistas, que se propõem a levantar a cultura geral do povo, deviam ter, por intermédio de suas obras, revistas e jornais, comunicado aos seus leitores as idéias condutoras para que eles fizessem essa ascensão por si mesmos. (FLOREAL, 1907a, p. 29-32).

Fica evidente que Lima Barreto não concordava com a idéia de se extirpar o gosto popular pelo tango e o maxixe. Incomodava-o nessa campanha da Caravana o pressuposto de que o gosto e a sensibilidade artística das classes populares era inferior ao das demais classes sociais. Sendo ele próprio oriundo de uma família de poucos recursos, amanuense da Secretaria da Guerra e morador do subúrbio carioca, com certeza se perguntava quanto ao valor de sua própria literatura. Seria ela também inferior?

⁸ Segundo Raimundo Magalhães Júnior (1978, p. 75), tratava-se de uma “instituição destinada a reviver os famosos jantares da Panelinha e do Clube Rabelais, dos fins do século passado”. João do Rio, sob o pseudônimo Joe, teria comentado na *Gazeta de Notícias*, em 18 de agosto de 1907, o primeiro jantar do novo grupo, logo após a criação da Caravana.

Não só a *Floreal*, mas toda a sua vida, é dedicada à missão que o escritor se atribui de demonstrar justamente o contrário. Ao desprezo e ao desconhecimento que os literatos demonstram ter em relação às camadas mais baixas da população, Lima Barreto responderá criando para seus romances personagens justamente dessas classes sociais. Frequentemente, o cenário em que se passam as histórias narradas em seus romances e contos não é a bela paisagem de Botafogo, de Petrópolis ou Tijuca, mas as mal cuidadas ruas dos subúrbios e os trens que partem da Central rumo àquelas áreas esquecidas e renegadas da cidade.

Não se pode negar também que o estigma inferiorizante implícito em clubes e sociedades tipo a Caravana – e seu concurso de bandas de música – explique, pelo menos em parte, a personalidade complexada do escritor, apontada por Domingos Ribeiro Filho, como já foi visto. Mas verifica-se que enseja também o enunciado de um dos seus lemas de vida: comunicar aos seus leitores, através dos seus escritos, as idéias que lhes possam ser úteis para alcançar a cidadania. Sua obra é impregnada por esse objetivo de instrumentalizar, no plano das idéias e pela palavra escrita, um povo desde sempre excluído social e politicamente. A *Floreal* é apenas o primeiro passo dessa trajetória.

Um primeiro passo que vale mais pelo seu significado, do que pelo número de exemplares vendidos, que foi irrisório. Nas últimas páginas da edição seguinte, lançada em 12 de novembro de 1907, a própria redação da revista encarrega-se dessa prestação de contas, feita com humor e ironia. A avaliação das vendas se inicia com a reprodução do diálogo ocorrido entre a redação e Thomaz Labanca, o distribuidor da *Floreal*:

– Quantos, Labanca?

– Trinta e oito, respondeu o Labanca, com entonação compungida.

– 38 ! Sim, tinham sido 38 os exemplares avulsos, vendidos do primeiro número da *Floreal*! Trinta e oito – 38 – sobre os 850.000 habitantes da cidade do Rio de Janeiro, por curiosidade, por esquecimento, por qualquer motivo, este aqui, aquele ali, aquele mais adiante, haviam composto unidade por unidade, aquele número, único entre todos os da série dos números inteiros, que teriam que figurar no ativo da *Floreal*:

VENDA AVULSA 38 EXEMPLARES

Trinta e oito heróis eram esses, seguramente que ousavam assim proceder diante de toda esta heróica cidade, talvez na Rua do Ouvidor, à vista do Dr. Ataulpho e da Casa Raunier! Uma onda de gratidão nos invadiu a alma. Benditos 38! Dignos 38! A vida vos seja propícia e os pecados vos sejam perdoados! Que um gênio bom vos conduza os passos, e sonhos amigos vos indiquem, sem capciosidades, o bicho de cada dia! [...]. (FLOREAL, 1907b)

Como se vê, o fracasso de vendas não abatera a verve humorística dos realizadores da revista, que no segundo número traz como principais atrações Manuel

Ribeiro de Almeida com o artigo “Spencerismo e Anarquia”, Antonio Noronha Santos e Edmundo Enéas Galvão discutindo a questão do serviço militar obrigatório e Lima Barreto publicando o segundo capítulo de *Isaiás Caminha*. Dessa vez, a venda avulsa chegaria a 82 exemplares (BARBOSA, 1988, p. 134).

Manuel Ribeiro de Almeida foi colega de infância de Lima Barreto no Liceu Popular Niteroiense, onde ambos estudaram a partir de 1891. Segundo Francisco de Assis Barbosa, era um dos melhores colégios daquele tempo, sendo frequentado por gente rica. Entre os colegas de Ribeiro de Almeida e Lima Barreto, estavam Otávio Kelly, Américo Ferraz de Castro, Ricardo Greenhalgh, Caio Guimarães, os irmãos Sauerbronn Magalhães e Carlos Pereira Guimarães. “Todos vão se destacar, mais tarde, na magistratura, no jornalismo, na carreira das armas, no magistério” (Barbosa, 1988, p. 46). Naturalmente João Henrique, pai de Lima Barreto, não dispunha de recursos para matricular o filho num colégio tão conceituado e frequentado por meninos de classe social mais abastada. Desejando para o filho um futuro melhor do que o seu, de tipógrafo, queria vê-lo doutor. E foi buscar amparo no compadre Visconde de Ouro Preto, que além de batizar Lima Barreto custeou-lhe os estudos no conceituado Liceu dirigido pelo escocês William Henry Cunditt. De certo que o filho do tipógrafo deve ter se sentido um peixe fora d’água num colégio onde se via cercado de crianças de origem social tão diferente da dele, pois disso o próprio Manuel Ribeiro de Almeida nos dá testemunho: “Não me lembro de ter visto o Barreto brincando no colégio” (Barbosa, 1988, p. 41). Contudo, Almeida foi um dos colegas mais chegados do escritor. Através do “esquivo companheiro de colégio”, travou conhecimento com os livros de Júlio Verne, cuja coleção João Henrique dera ao filho por ocasião de seu ingresso no Liceu. Lima Barreto compartilhara com Almeida *Cinco Semanas em um Balão e Vinte Mil Léguas Submarinas*.

Dez anos mais tarde, em 1901, estariam juntos de novo na Escola Politécnica, onde veriam nascer a Federação de Estudantes Brasileiros. A fundação dessa entidade agitou o ambiente estudantil da época. Um manifesto resumia em poucas palavras o objetivo da Federação: “É absolutamente necessário que nos façamos conhecer, é urgente que entre os Estados do Brasil se elimine o isolamento quase hostil, cuja manutenção já é profundamente lamentável entre as Repúblicas da América” (BARBOSA, 1988, p. 76). Nessa época, além de Almeida, tinha também entre seus amigos Bastos Tigre, que o levaria a ser colaborador n’A *Lanterna*, como já foi dito. Em 1902, Lima Barreto seria eleito para a diretoria da Federação, numa chapa encabeçada por Barreto Dantas, estudante de direito. Mas logo se afastaria da entidade por discordar de uma representação da Federação, dirigida ao Congresso Nacional, favorável ao serviço militar obrigatório. Considerava esta idéia uma monstruosidade contra a qual protestou durante toda a sua vida (1988, p. 77).

Foi o artigo de Manuel Ribeiro de Almeida e o romance que Lima Barreto começava a publicar em fascículos na *Floreal* o que mais chamou a atenção de José

Veríssimo. “Spencerismo e Anarquia” e *Recordações do Escrivão Isaías Caminha* levaram Veríssimo a acreditar ter descoberto alguma coisa em meio as tantas revistas que se publicavam na época. Se no primeiro número o anarquismo se fizera presente em *Floreal* através da colaboração de Domingos Ribeiro Filho, no segundo número é Almeida quem abre a revista ocupando 9 páginas (quase 1/4 do espaço disponível na publicação) para fazer uma reflexão sobre as atribuições do Estado frente ao anarquismo e ao socialismo, tomando a obra de Spencer como referência para discussão. Embora o autor não chegue a uma conclusão sobre que tipo de limitação faz-se necessário impor à ação do Estado ou se é possível e conveniente sustentar uma “posição média” em que “a ação do Estado se limita à manutenção da ordem, à defesa externa, à distribuição da justiça, a certas questões de higiene e de segurança, a certa intervenção nos trabalhos públicos – tudo isto considerado em qualidade e não em quantidade” (ALMEIDA, 1907), verifica-se que o tema do anarquismo é relevante na pauta da *Floreal*, na qual a opinião de Lima Barreto certamente tinha algum peso.

No outro tema fartamente abordado no segundo número da revista temos Antonio Noronha Santos criticando o serviço militar obrigatório, ou por sorteio, como se propunha na época. Observava que o uso do sorteio não eliminaria a obrigatoriedade do serviço militar, mas apenas a encobriria de maneira tosca, visto que o sorteado não poderia se negar a vestir a farda. Assim, Santos (1907) defende um serviço militar voluntário, tornando o soldado “um profissional bem pago e bem tratado”. A este ponto de vista, Edmundo Enéas Galvão vem somar sua argumentação:

O tirar 50 ou 60 mil homens dos nossos centros de produção, a fim de distraí-los nos quartéis, sem utilidade prática para a sua economia particular, é atrasar um tanto o nosso evoluir.

Estes homens, tirados das ciências, artes, das indústrias, lavoura, etc., naturalmente deixarão de produzir, para ficarem em uma estagnação de dois ou três anos.

As despesas originadas com o seu custeio não são pequenas, ponto capital para nós que procuramos o equilíbrio estável das nossas finanças. (GALVÃO, 1907)

Esse era o estilo e a conduta adotada por *Floreal*. Dispunha-se a abordar abertamente os temas mais candentes da atualidade, permitindo e exigindo que as opiniões expressas em suas páginas se fizessem acompanhar obrigatoriamente da assinatura dos seus colaboradores. Ensejava assim o debate de idéias tão desejado por aquele que a concebeu. Como não foram encontrados exemplares dos números 3 e 4, não foi possível proceder a uma análise integral da curta existência desta revista. Fica entretanto a certeza de que ela foi uma experiência fecunda na vida do escritor, que no número de estréia vaticinava: “Não é sem temor que me vejo à frente desta publicação. Embora não se trate do *Jornal do Comércio* nem da *Gazeta* de Pequim,

sei, graças a um tirocínio prolongado em revistas efêmeras e obscuras, que imenso esforço demanda a sua manutenção e que futuro lhe está reservado” (FLOREAL, 1907a). Por isso, em 5 de janeiro de 1908, no mesmo instante em que fazia em seu diário o balanço do ano anterior, a publicação do quarto número preocupava-o e arrancava-lhe um misto de lamento e pressentimento: “A *Floreal* vai mal” (BARRETO, 1956c). Ainda era cedo para ele ter certeza de que a quarta edição, publicada em 31 de dezembro de 1907, seria também a última.

Passado o insucesso editorial da revista, Lima Barreto busca incessantemente um editor que lhe permita lançar seu primeiro romance. No Brasil não via grandes chances de êxito, pois a grande casa editorial do momento era a Garnier. “Mas publicava apenas os autores consagrados. Novos, só os empistolados” (BARBOSA, 1988, p. 138). Quando falece, em 1911, Hippolyte Garnier, que comandava de Paris a livraria e a editora no Brasil, o escritor comenta as dificuldades que vivia no início do século “quem quer ser autor e quer ter na sua obra a necessária e indispensável independência” (BARRETO, 1911). Em artigo para a *Gazeta da Tarde*, descreve um pouco do ambiente no qual iniciara sua carreira literária:

[...] A Livraria Garnier era a única casa editora que havia entre nós [...] e se, ainda há poucos anos, havia a Casa Laemmert, ultimamente, porém, só ficou em campo a velha livraria.

De modo que ela era o único desaguadouro da produção literária nacional e exercia sobre as edições um monopólio nem sempre favorável a nós.

[...] Dirigida por um velho mentecapto, que nem lia português e nunca tinha vivido no nosso meio, as suas edições eram feitas atendendo mais à representação oficial do autor do que mesmo ao valor da obra.

[...] A coisa não podia ser de outro modo. Sem uma pessoa interessada que conhecesse o meio nacional e julgasse o merecimento da obra, tanto monetário, como intelectual, pessoa que devia estar presa à casa por sólidos interesses, não podia a famosa casa publicar novos e desconhecidos.

[...] Um livreiro experimentado e conhecedor do meio, deve até não aceitá-los. Não faltam meninos bonitos, cheios de relações, que colecionem mediocridades e queiram publicá-las sem despesa; e uma casa que se preza, deve contar em cada edição um sucesso literário e monetário.

[...] Não há aqui nenhum despeito. Eu nunca tentei editar-me nela, tanto mais que isso era demorado e me repugna usar os famosos pistolões.

[...] É necessário que surjam outras casas editoras; é necessário que os lucros imensos que a Garnier tem tido provoquem o aparecimento de energias e capitais, que nos libertem totalmente de tão abjeta tutela.

Não é possível que um país como o nosso, só tenha um editor e esse editor seja estrangeiro, e viva fora do país, nada conheça de nossa atividade literária e mental, se deixe guiar por pistolões e recomendações.

[...] Essa pressão que a velha casa exercia sobre a nossa atividade literária, precisava cessar, em bem nosso e das letras em geral; e a morte desse octogenário rico e egoísta, talvez determine isso e eu me alegro com ela. (BARRETO, 1911)

Descontadas a alegria com que Lima Barreto recebe a morte de Garnier e a gratuidade com que insiste em chamá-lo de mentecapto, a longa citação serve para demonstrar as agruras pelas quais passava qualquer novo escritor que pretendesse se lançar com dignidade no ramo da literatura brasileira da época. Como negava-se a bater à porta da Garnier, ocorreu-lhe apelar a um dos colegas que colaborara na Floreal: o poeta João Pereira Barreto. Este conseguiu editar o seu livro em Lisboa, na Livraria Clássica. É bem verdade que o volume de versos trazia Sílvio Romero⁹ no prefácio, que o encaminhara ao editor. Contudo, Lima Barreto não buscava um padrinho e não aceitava pistolão, queria apenas uma carta de apresentação a Antônio Maria Teixeira, o editor português. E em 1909 fez de Antonio Noronha Santos, que viajava para a Europa e passaria por Lisboa, o seu portador, levando a carta e os originais do livro.

Sabe-se que nesse momento três romances já haviam saído da lavra do escritor: *Clara do Anjos*, *Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá* e *Recordações do escrivão Isaías Caminha*. Cabe perguntar por que este último teria sido o escolhido para Lima Barreto se lançar como romancista. De *Clara dos Anjos* na verdade havia apenas uma primeira versão pronta, que só mais tarde será revista e o autor julgará conveniente publicar. Além disso, seu conteúdo não se prestava ao impacto que o escritor desejava causar na imprensa e no meio intelectual em geral. Para explicar porque *Caminha* em detrimento de *Gonzaga*, passo a palavra ao criador. Em carta ao amigo Luis de Gonzaga Duque Estrada, Lima Barreto esclareceria:

[...] Viaja para a Europa na mala do meu amigo Noronha Santos o mesmo livro que comecei a publicar na *Floreal*.

Era um tanto cerebrino, o *Gonzaga de Sá*, muito calmo e solene, pouco acessível, portanto. Mandei as *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*, um livro desigual, propositalmente mal feito, brutal por vezes, mas sincero sempre. Espero muito nele para escandalizar e desagradar [...]. Espero que esse primeiro movimento, muito natural, seja seguido de um outro de reflexão em que vocês considerem bem que não foi só o escândalo, o egotismo e a charge que pus ali. [...] Há de ver que a tela que manchei tenciona dizer aquilo que os simples fatos não dizem, segundo o nosso Taine, de modo a esclarecê-los melhor, dar-lhes importância, em virtude do poder da forma literária, agitá-los, porque são importantes para o nosso destino. (BARRETO, 1956b, p. 169-70)

⁹ João Pereira Barreto era cunhado de Sílvio Romero e, mais tarde, adquiriria notoriedade devido a um trágico episódio que marcou a sua vida: o assassinato da própria esposa. Consta que ficou conhecido como o poeta uxoricida. (BARBOSA, 1988, p. 139)

De Lisboa, Santos trocava correspondência com o escritor, que aguardava com ansiedade o aceite e a publicação do seu primeiro livro. Logo na primeira carta (BARRETO, 1956b, p. 67-68), Santos comunica que o editor decidira publicá-lo, mas não dispunha-se a pagar ao autor. Argumenta que João Barreto teria sido pago em exemplares. Antes mesmo de consultar Lima Barreto, autorizara o editor a mandar o livro para a tipografia. Assim, em breve as provas lhe seriam enviadas para o Brasil.

“Santos sabia o que estava fazendo, autorizando a remessa dos originais para a tipografia. Lima Barreto não se importaria com o pagamento dos direitos autorais. O que queria era ver o livro publicado” (BARBOSA, 1988, p. 141). Tanto é que, em resposta, lhe escreveria: “Fizeste bem em lhe autorizar a imprimir o livro. Não tenho pretensão alguma de lucro com o *Caminha*. Além de saber que um primeiro livro tem fortuna arriscada, sabes muito bem o que penso sobre essa coisa de *make money* com livros” (BARRETO, 1956b, p. 69). Posteriormente, negociando por carta com o editor, pediria como pagamento 50 exemplares “para os oferecimentos de praxe” (BARRETO, 1956b, p. 174). Longe de exercer a literatura por diletantismo, abria mão do lucro no seu lançamento, numa espécie de investimento que fazia de olhos postos no futuro. Futuro em que almejava sustentar-se com a pena e tudo que através dela produzisse. Lima Barreto desejava sobretudo viver e sustentar-se das letras.

Feito o acerto inicial, passaram-se meses até um novo contato com o editor. Nesse período, passou por Lisboa João do Rio e foi ter com A. M. Teixeira. O episódio foi narrado por Noronha Santos em carta a Lima Barreto: “Agora ouve esta: o Paulo Barreto, que aqui chegou há dias, foi lá (na editora de Teixeira) parar creio que a inscrever-se num banquete ao Júlio Dantas. O M. Teixeira perguntou-lhe, sem falar no romance, se ele te conhecia. Ele respondeu que não. Que f. da p.!” (BARRETO, 1956b, p. 68). O acontecido preocupava Lima Barreto, fazendo crescer a sua ansiedade e desconfiança de que algo pudesse não dar certo em Lisboa.

Sabemos que João do Rio conhecia Lima Barreto pelo menos desde 1905, quando foram contemporâneos nas páginas do *Correio da Manhã*. Então, por que João do Rio negou-se a admitir que conhecia Lima Barreto? O fato é que se, por acaso, João do Rio foi um dos poucos leitores da *Floreal* e acompanhou os primeiros capítulos de *Recordações do escrivão Isaías Caminha* publicados nesta revista, só por isso já teria motivos de sobra até para desabonar o nome de Lima Barreto perante o editor português.

Logo no início do terceiro capítulo entra em cena Raul Gusmão, “um jovem jornalista”, que é uma caricatura de João do Rio. Quando o romance é lançado em livro, o referido personagem é definitivamente associado a figura desse escritor. E sua caracterização não é nada lisonjeira, visto que Isaías Caminha, depois de conhecê-lo no café de um teatro, assim descrevia aquele sujeito de “alentado corpanzil encostado à bengala vergada”, que até no tipo físico lembrava João do Rio: “Nos confins da

minha aldeia natal, eu não podia adivinhar que o Rio contivesse exemplar tão curioso do gênero humano, uma desconhecida mistura de porco e de símio adiantado, ainda por cima jornalista ou cousa que o valha, exuberante de gestos inéditos e frases imprevistas” (BARRETO, 1956d, p. 69). Jamais saberemos ao certo se João do Rio leu esta descrição e se reconheceu nela, mas isto certamente já era motivo suficiente para que se recusasse a admitir que conhecia um jovem escritor que o dedicara palavras tão agressivas.

Finalmente, em dezembro de 1909, Lima Barreto recebia os primeiros exemplares da brochura de 316 páginas, formato 19 x 12 cms, com capa cor de vinho, editada em Lisboa, pela Livraria Clássica Editora de A. M. Teixeira & Cia, situada na Praça dos Restauradores nº 20.

É de imaginar-se o que esse livro representava para o jovem amanuense da Secretaria da Guerra. [...] Agora, sim! Tinha livro publicado! Poderia, se quisesse, exibir a prova aos que o olhavam com desdém e lhe ridicularizavam as pretensões literárias. (BARBOSA, 1988, p.144)

Independentemente da repercussão que teria o livro, a sua publicação marca o início de uma nova etapa na sua trajetória de vida, particularmente no que diz respeito à sua inserção na imprensa da época.

Procuramos reconstituir e analisar neste artigo a trajetória de Lima Barreto até a publicação do seu primeiro romance. Trata-se do período em que o escritor trava as primeiras lutas para se estabelecer no meio literário e na imprensa do Rio de Janeiro. É o tempo do anonimato e da busca pela inserção entre os intelectuais do seu tempo. Sua passagem por pequenos e inexpressivos periódicos culmina com a criação da *Floreal* e a sua estréia como romancista perante o público leitor.

Escrevendo na década de 1890, Adolfo Caminha descreve um cenário de dificuldades bem semelhante ao que Lima Barreto enfrentou alguns anos depois. Talvez seja oportuno resgatá-lo aqui para que possamos compreender o sentido deste período de iniciação de Lima Barreto através das palavras de um literato que é quase seu contemporâneo. Num artigo em que “trata da luta dos escritores brasileiros para se manterem fiéis a seus ideais e verbera a má vontade dos editores para com ‘os que ousam estrear na literatura sem uma carta, um bilhete de apresentação’ ou coisa semelhante” (AZEVEDO, 1999, p. 9), Caminha vê o meio editorial da época como um verdadeiro “protetorado de Midas”, cujo funcionamento é o seguinte:

Quem se colocar diante do ‘meio’ intelectual brasileiro, em frente ao pequeno círculo de escritores e artistas que, numa sede voraz de popularidade e glória, andam a mendigar os favores da imprensa jornalística, ordinariamente leal a um rigoroso programa econômico e a um *modus vivendi* pouco literário e muito burguês, há de reconhecer três classes notáveis de indivíduos empenhados na luta pelo renome: a dos nulos, ou dos felizes, que marcham

triumfalmente na vanguarda, cobertos da bênção protetora de seus ídolos; a grande classe dos medíocres, numerosa como um exército, abençoada também, e pouco menos feliz que aquela, dominando, às vezes, pelo charlatanismo e pela audácia irreverente; e, em terceiro lugar, a classe oprimida, a triste classe obscura dos homens de talento, que preferem a glória definitiva e soberana, a glória póstuma, conquistada pelo trabalho de muitos anos, [...] ao incenso vaporoso da atualidade, às aclamações momentâneas do presente.

Artistas (eu sei de alguns), escritores e poetas, cuja pena seria talvez orgulho de qualquer nação mais literária que a nossa, vivem por aí, sabe Deus! num abandono de párias malditos, quase totalmente desprezados, rimando versos que são verdadeiros primores de arte, extravasando a alma em páginas de um colorido pomposo e fidalgo ou de uma simplicidade escultural, burilada e nobre, enquanto a legião charmosa dos medíocres e dos nulos campeia triunfante, viseira erguida, *remplie de soi-même*, sem olhar para aqueles que o futuro espera, e que vêm atrás, lentamente, cheios de convicção, salmodiando estranhas harmonias [...]. (CAMINHA, 1999b, p. 25-26)

O diagnóstico de Adolfo Caminha aparentemente pode ser estendido às décadas seguintes, quando se verifica que a muitos escritores “estão interditas as portas da imprensa, essas mesmas portas que se abrem largamente para receber toda casta de escrevinhadores, cujo único ideal é o dinheiro ganho num abrir e fechar de olhos, o santo dinheiro obtido sem esforço” (CAMINHA, 1999b, p. 27). O meio editorial não se apresenta de forma muito diferente do que Caminha observa na imprensa:

Incontestavelmente uma das causas que muito influem no ânimo de nossos escritores, obrigando-os ao recolhimento, à vida obscura de autores inéditos, a uma espécie de ascetismo literário duas vezes prejudicial, roubando-lhes o estímulo e amesquinhando-lhes o talento, é o monopólio, a ganância, a desenfreada ambição do elemento editor. Não há por aí quem desconheça que o escritor brasileiro, na maioria dos casos, vive tristemente de um mísero emprego público, sem recursos de outra espécie, ocultando-se da sociedade para não ser visto com os seus trajes de boêmio à força, macambúzio, chorando suas necessidades, alimentando-se mal, contraindo favores, enquanto não lhe chega o minguado subsídio com que vai pagar aos agiotas que o socorrem durante o mês. (CAMINHA, 1999a, p. 119)

Foi neste cenário de dificuldades que Lima Barreto se debateu para se firmar como escritor. De certa forma, procuramos iluminar aqui os caminhos cheios de obstáculos que o levaram às páginas da imprensa e aos editores, em meio ao que Adolfo Caminha denominou como “protetorado de Midas”. Uma trajetória desenvolvida sob o signo da revista *Floreal*, periódico de fundamental importância para a compreensão do processo de inserção deste escritor no ofício da literatura no Rio de Janeiro do início do século XX.

BOTELHO, Denilson. Under the *Floreal* Sign: a Historical View on Lima Barreto's First Literary Works. **Itinerários**, Araraquara, n. 23, p. 149-174, 2005.

- **ABSTRACT:** *How can one start a literary career at the very beginning of the 20th century? This article tries to answer this question analysing Lima Barreto's (1881-1922) first literary works under a social historical view. By following the itinerary of his presence in Rio de Janeiro press, during the Old Republic, we were able to draw a profile of newspapers and magazines on which he published his writings. The period of time here underlined portrays the very beginning of his career, including the years of anonymity and his passage into unknown and small newspapers and magazines, until the publication of his first book, Memories of Notary Isaías Caminha. Above all, this is a period full of first initiatives when he launched himself into the journalistic and literary life of that time, and especially important was the publication of Floreal, a magazine created in 1907 that meant for the writer the desired fulfillment of becoming a writer and, at the same time, a vehicle for literary fight.*
- **KEYWORDS:** *History; literature; Lima Barreto; press; Rio de Janeiro; Floreal; publishers.*

Referências

- ALMEIDA, M. de. Spencerismo e Anarquia. **Floreal**, Rio de Janeiro, v.1, n.2, p.5-6, 12 nov. 1907.
- ANAIS da Biblioteca Nacional. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1985. v.105.
- AZEVEDO, S. de. A crítica de Adolfo Caminha. In: CAMINHA, A **Cartas literárias**. Fortaleza: Ed. UFC, 1999.
- BARBOSA, F. de A. **A vida de Lima Barreto**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1988.
- BARRETO, A. H. de L. O Garnier morreu. **Gazeta da Tarde**, Rio de Janeiro, 7 ago. 1911.
- BARRETO, A. H. de L. lavar a honra, matando? **Lanterna**, Rio de Janeiro, 28 jan. 1918.
- BARRETO, A. H. de L. Não as matem. **Correio da Noite**, Rio de Janeiro, 27 jan. 1915.
- BARRETO, A. H. de L. No ajuste de contas. In: _____. **Bagatelas**. São Paulo: Brasiliense, 1956a. p.91-6.
- BARRETO, A. H. de L. **Correspondência**. São Paulo: Brasiliense, 1956b. v.1.
- BARRETO, A. H. de L. **Diário Íntimo**. São Paulo: Brasiliense, 1956c.
- BARRETO, A. H. de L. **Recordações do escrivão Isaías Caminha**. São Paulo: Brasiliense, 1956d.

BARRETO, A. H. de L. **O subterrâneo do Morro do Castelo**. Rio de Janeiro: Dantes, 1997.

BOTELHO, D. **A pátria que quisera ter era um mito**: o Rio de Janeiro e a militância literária de Lima Barreto. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, 2002.

CAMINHA, A Editores. In: _____. **Cartas literárias**. Fortaleza: Ed. UFC, 1999a.

CAMINHA, A Protetorado de Midas. In: _____. **Cartas literárias**. Fortaleza: Ed. UFC, 1999b.

CORREA, M. **Morte em família**: representações jurídicas de papéis sexuais. Rio de Janeiro: Graal, 1983.

FLOREAL, Rio de Janeiro, v.1, n.1, 25 out. 1907a.

FLOREAL, Rio de Janeiro, v.1, n.2, 12 nov. 1907b.

GALVÃO, E. E. Questões atuais. **Floreal**, Rio de Janeiro, v.1, n.2, p.29,12 nov. 1907.

MAGALHÃES JÚNIOR, R. **A vida vertiginosa de João do Rio**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

PEREIRA, A. Domingos Ribeiro Filho. **Tribuna Popular**, 15 jul. 1945.

PEREIRA, L. A de M. **O carnaval das letras**. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, 1994.

RESENDE, B. Introdução. In: BARRETO, A. H. de L. **O subterrâneo do Morro do Castelo**. Rio de Janeiro: Dantes, 1997.

REVISTA DA ÉPOCA, Rio de Janeiro, 1 ago. 1903.

SANTOS, A. N. Pretextos: a lei do sorteio. **Floreal**, Rio de Janeiro, v.1, n.2, p.25-8, 12 nov. 1907.

SANTOS, A. N. Prefácio. In: BARRETO, A. H. de L. **Correspondência**. São Paulo: Brasiliense, 1956. v.1.

SODRÉ, N. W. **A história da imprensa no Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.

SOIHET, R. **Condição feminina e formas de violência**: mulheres pobres e ordem urbana 1890-1920. Rio de Janeiro: Forense, 1989.

TAGARELA: Semanário Crítico, Humorístico, Ilustrado e de propaganda Comercial, Rio de Janeiro, v.1,n.1, 1 mar. 1902.

VASCONCELLOS, E. **Entre a agulha e a caneta**: a mulher na obra de Lima Barreto. Rio de Janeiro: Lacerda, 1999.

VERÍSSIMO, J. Revista Literária. **Jornal do Comércio**, Rio de Janeiro, 9 dez. 1907.

VISÃO BRASILEIRA, Rio de Janeiro, 3 set. 1938.

